

O anjinho

(Leonid Andréiev)

Tradução de Helena Kardash Salvador*

RESUMO: Leonid Andréiev foi um dos mais populares e polêmicos escritores russos da primeira década do século XX. A diversidade de estilos tão peculiar em seus contos, novelas e peças faz com que o escritor seja considerado uma figura solitária no contexto histórico-literário, difícil de ser atrelada a qualquer movimento específico, mas que representa um momento de transição pelo qual passou a literatura russa. Entre os contos de seu primeiro livro, publicado em 1901, está *O anjinho*. A princípio uma narrativa realista convencional, o conto sutilmente vai tocando as fronteiras do simbolismo, onde o real e o ideal conduzem ao retrato da condição humana que se delineia por toda a obra de Andréiev.

ABSTRACT: Leonid Andreyev was one of the most popular and controversial Russian writers of the first decade of the twentieth century. The diversity of styles so peculiar in his short stories, novels and plays makes the writer to be considered as a lone figure in the historical and literary context, difficult to be tied to any particular movement, but that represents a period of changes in Russian literature. Among the short stories of his first book, published in 1901, is *The Little Angel*. At first a conventional realistic narrative, the short story subtly touches the boundaries of symbolism, where the real and the ideal lead to the picture of the human condition that outlines all the work of Andreyev.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura russa, Leonid Andréiev, *O anjinho*

KEY-WORDS: Russian literature, Leonid Andreyev, *The Little Angel*

* Aluna da área de Língua e Literatura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A tradução do conto *Anguelotchek* (O anjinho), de Leonid Andrêiev, foi realizada com bolsa FAPESP para pesquisa em nível de Iniciação Científica, sob orientação da professora Fatima Bianchi. E-mail: hk1259@hotmail.com.

As vezes Sachka¹ tinha vontade de parar de fazer isso que se chama de vida: não se lavar de manhã com a água fria em que flutuam plaquinhas finas de gelo, não ir ao ginásio, não ficar lá ouvindo repreensões de todos, nem sentir dor nas costas e no corpo todo quando a mãe o deixa de joelhos a tarde inteira. Mas como ele tinha treze anos e não conhecia todos os meios através dos quais as pessoas cessam de viver quando assim o desejam, então ele continuava a ir ao ginásio e a ficar de joelhos, e pareceu-lhe que a vida não acabaria nunca. Passaria um ano, mais um ano, mais outro ano, e ele continuaria a frequentar o ginásio e a ficar de joelhos em casa. E como Sachka possuía uma alma insubordinada e corajosa, não podia reagir ao mal com tranqüilidade e então se vingava da vida. Com essa finalidade, batia nos colegas, era rude com os superiores, rasgava os livros didáticos e mentia o dia inteiro, ora para os professores, ora para a mãe; só não mentia unicamente para o pai. Quando lhe machucavam o nariz numa briga, ele cutucava ainda mais a ferida de propósito e berrava sem lágrimas, mas tão alto que todos experimentavam uma sensação desagradável, franziam o cenho e tapavam os ouvidos. Depois de berrar o bastante, ele imediatamente se calava, mostrava a língua e desenhava no caderno de rascunhos uma caricatura de si mesmo gritando com o inspetor de alunos, que tapava os ouvidos, e com o vencedor da briga, que tremia de medo. O caderninho estava todo cheio de caricaturas, e a que se repetia com maior frequência era: uma mulher gorda e baixinha batendo com um rolo de macarrão em um menino fino como um palito de fósforo. Embaixo, com letras graúdas e irregulares, destacava-se em preto a seguinte inscrição: “Peça desculpas, filhote de cachorro”. E a resposta: “Não peço, nem que me arrebe”¹. Antes do Natal, Sachka foi expulso do

¹ Hipocorístico do nome Aleksandr. (N. da T.)

ginásio, e quando a mãe começou a bater nele, ele lhe mordeu o dedo. Isso lhe deu a liberdade, e ele deixou de se lavar de manhã, se pôs a correr o dia inteiro com os moleques e a bater neles, e a única coisa que temia era a fome, já que a mãe parara completamente de alimentá-lo e apenas o pai escondia pão e batata para ele. Nessas condições, Sachka achou que a vida era possível.

Na sexta-feira, véspera de Natal, Sachka brincou com os moleques até que eles foram para casa e o portãozinho gemeu com um rangido enferrujado e gélido depois que o último deles entrou. Já estava escurecendo e do campo, para onde dava uma das extremidades de uma viela deserta, aproximava-se uma bruma cinzenta de neve; uma luzinha avermelhada, que não oscilava, acendeu-se na entrada de uma edificação baixinha e negra que atravessava a viela. O frio se intensificou, e ao passar pelo círculo iluminado que se formara com o lampião aceso, Sachka viu pequenos flocos de neve seca que flutuavam lentamente no ar. Precisava ir para casa.

—Onde é que estava até essa hora, seu filhote de cachorro? — gritou a mãe e o ameaçou com o punho cerrado, mas não bateu. Ela tinha as mangas arregaçadas, expondo as mãos brancas e gordas, e gotas de suor afluíam-lhe no rosto liso, desprovido de sobrancelhas. Ao passar por ela, Sachka sentiu o cheiro familiar de vodka. A mãe coçou a cabeça com o dedo indicador gordo, com a unha curta e suja, e como não havia tempo para ficar dando bronca, apenas cuspiu e gritou:

—Resumindo: estatísticos!

Sachka fungou com desdém e foi para trás da divisória, onde se ouvia a respiração pesada do pai, Ivan Savitch. Ele vivia com frio e procurava se aquecer sentando sobre as mãos, com as palmas voltadas para baixo, no leito bem quente em cima do fogão².

—Sachka! Os Svetchnikov convidaram você para a festa de Natal. A empregada veio chamar — sussurrou ele.

² No original, *liejanka*: leito alto localizado acima do fogão à lenha, elemento típico dos antigos casebres russos. (N. da T.)

—É verdade? —perguntou Sachka com desconfiança.

—Juro por Deus. Essa bruxa não disse nada de propósito, mas já até preparou o seu casaco.

—É verdade? —Sachka ficava cada vez mais admirado.

Os ricos Svetchnikov, que haviam lhe arrumado uma vaga no ginásio, proibiram Sachka de aparecer na casa deles após sua expulsão. O pai tornou a jurar e Sachka se pôs a ruminar a ideia.

—Chega para lá, você fica aí esparramado! —disse ele para o pai, pulando sobre o leito curto, e acrescentou: —Mas na casa desses diabos eu não vou. Vão ficar convencidos demais, se eu ainda for lá. “Menino estragado” —disse Sachka, com voz anasalada. —Eles também não são santos, esses presunçosos de cara gorda.

—Ah, Sachka, Sachka! —o pai se encolheu de frio. —Você ainda vai se dar mal.

—E você, por acaso se deu bem? —retrucou rudemente Sachka. —Seria melhor ficar quieto: tem medo da mulher! Seu molenga!

O pai permanecia sentado em silêncio e encolhido de frio. Uma luz fraca penetrava pela fresta larga no alto, onde faltava um quarto para a divisória chegar ao teto, e caía como uma mancha clara em sua testa alta, sob a qual escureciam órbitas profundas. Houve um tempo em que Ivan Savitch bebia muita vodka, e nessa época a esposa o temia e odiava. Mas quando ele começou a escarrar sangue e não pôde mais beber, foi ela quem começou a beber e aos poucos se acostumou com a vodka. E aí ela descontou tudo o que tivera de suportar do homem alto de peito estreito que dizia palavras incompreensíveis, fora despedido do trabalho por causa da insubordinação e da bebedeira e trazia para casa desordeiros cabeludos e orgulhosos como ele mesmo. Ao contrário do marido, à medida que bebia, ela ia ficando mais forte e seus punhos mais pesados. Agora ela falava o que queria, agora trazia para casa os homens e mulheres que queria e com eles cantava alto canções alegres.

E ele ficava quieto, deitado atrás da divisória, encolhido por causa dos constantes calafrios, pensando na injustiça e no horror da vida humana. E com quem quer que conversasse a mulher de Ivan Savitch, a todos se queixava de que para ela não havia piores inimigos no mundo do que o marido e o filho: os dois orgulhosos e estatísticos.

Uma hora depois a mãe falava para Sachka:

—Mas eu estou dizendo que você vai! — e a cada palavra Feoktista Petrovna batia os punhos na mesa, sobre a qual os copos limpos saltavam e tilintavam batendo uns contra os outros.

—E eu estou dizendo que não vou —respondia Sachka friamente, e os cantos de seus lábios chegavam a tremer de vontade de arreganhar os dentes. Por causa desse hábito, no ginásio o chamavam de lobinho.

—Vou te dar uma surra, e que surra! — gritou a mãe.

—Então dá!

Feoktista Petrovna sabia que já não conseguiria bater num filho que passara a mordê-la, e se o pusesse na rua ele ficaria perambulando e era mais provável que fosse congelar do que ir à casa dos Svetchnikov; por isso ela recorreu à autoridade do marido.

—E ainda é chamado de pai: não consegue sequer defender a mãe dos insultos.

—É verdade, Sachka, vá, por que está teimando? — ele respondeu do leito. — Pode ser que eles tornem a colocar você no ginásio. Eles são boas pessoas.

Sachka riu com desdém. Há muito tempo, ainda antes de Sachka nascer, o pai fora professor dos Svetchnikov, e desde então pensava que eles eram as melhores pessoas do mundo. Nessa época ele ainda trabalhava no departamento de estatística do Conselho Distrital e não bebia nada. Apartou-se deles depois de se casar com a filha da proprietária do quarto que alugava, que engravidara. Começou a beber e chegou a tal

ponto de degradação que o tiravam bêbado da rua e levavam para a delegacia. Mas os Svetchnikov continuaram a ajudá-lo com dinheiro, e Feoktista Petrovna, ainda que os odiasse, assim como aos livros e a tudo que se associasse ao passado do marido, valorizava esse relacionamento e se gabava dele.

—Quem sabe você não me traz alguma coisa da árvore de Natal —continuou o pai.

Ele estava sendo astuto —Sachka compreendia isso e desprezava o pai por ser fraco e mentir, mas ele tinha mesmo vontade de trazer alguma coisa para esse homem doente e desventurado. Já fazia tempo que ele não tinha um bom tabaco.

—Ah, que seja! —resmungou ele. —Me dá o casaco, então. Pregou os botões? Olha lá, que eu te conheço!

II

Ainda sem permissão para entrar na sala onde se encontrava a árvore, as crianças ficaram tagarelando no quarto delas. Sachka ouvia as suas falas ingênuas com arrogância e desdém, enquanto tateava no bolso da calça os cigarros que havia conseguido furtar do escritório do dono da casa e que já tinham se quebrado. Nisso se aproximou dele o Svetchnikov mais novo, Kólia³, e se deteve imóvel e com um ar de espanto, juntando os pés com as pontas para dentro e pondo o dedo no canto dos lábios avolumados. Cerca de seis meses atrás, por insistência dos parentes, ele tinha abandonado o péssimo hábito de colocar o dedo na boca, mas ainda não havia conseguido abdicar completamente desse gesto. Tinha cabelos loiros, quase brancos, aparados na testa e com os cachos caindo sobre os ombros, olhos azuis que denotavam surpresa, e por toda a sua aparência, pertencia ao grupo de garotos que eram especialmente perseguidos por Sachka.

—Você é o menino inglato? — perguntou ele a Sachka. — A *miss* me contou. E eu sou ponzinho.

³ Hipocorístico do nome Nikolai. (N. da T.)

—Ah, não podia ser melhor! — respondeu Sachka, observando as calças curtinhas de veludo e a lapela grande.

—Quer a espingalda? Toma! — o menino estendeu a espingarda com uma rolha amarrada nela.

O lobinho armou a mola e, apontando para o nariz de Kólia, que não desconfiava de nada, apertou o gatilho. A rolha bateu no nariz e saltou para longe, ficando pendurada na linha. Os olhos azuis de Kólia se abriram ainda mais, e neles surgiram lágrimas. Tirando o dedo dos lábios e levando-o até o narizinho que ficara vermelho, Kólia começou a piscar várias vezes com os cílios longos e a sussurrar:

—Mau... Menino mau...

Uma mulher jovem e bonita, com os cabelos penteados para trás ocultando parte das orelhas, entrou no quarto das crianças. Era a irmã da dona da casa, a mesma que outrora estudara com o pai de Sachka.

—É este aqui —disse ela indicando Sachka para o senhor careca que a acompanhava. —Cumprimente-o, Sachka, é ruim ser tão mal educado.

Mas Sachka não cumprimentou nem a ela, nem ao senhor careca. A dama bonita nem desconfiava de que ele sabia de muita coisa. Sabia que seu mísero pai a amava, mas que ela se casara com outro e, apesar de isso ter acontecido depois de ele mesmo ter se casado, Sachka não podia perdoar a traição.

—Sangue ruim —suspirou Sófia Dmítrievna. —O senhor não poderia arranjar-lhe um lugar, Platon Mikháilovitch? Meu marido diz que a escola técnica combina mais com ele do que o ginásio. Sacha, quer ir para a escola técnica?

—Não quero —respondeu brevemente Sachka, ao ouvir a palavra “marido”.

—Então, meu rapaz, você quer virar pastor? —perguntou o senhor.

—Não, pastor não —ofendeu-se Sachka.

—Então o quê?

Sachka não sabia o que queria ser.

—Pra mim tanto faz —respondeu ele, depois de pensar um pouco -, posso até ser pastor.

O senhor careca olhava perplexo para o estranho menino. Quando ele transferiu o olhar das botas remendadas para o rosto de Sachka, o último mostrou-lhe a língua e a escondeu de novo tão rapidamente que Sófia Dmítrievna não percebeu nada, e o idoso senhor assumiu uma postura irritada que ela não compreendeu.

—Pode ser a escola técnica mesmo, eu quero ir —disse Sachka modestamente.

A bonita dama alegrou-se e, suspirando, pensou na força que um antigo amor exerce sobre as pessoas.

—Mas é improvável que encontre uma vaga —respondeu secamente o senhor idoso, evitando olhar para Sachka e alisando os cabelinhos que levantaram na nuca. — Contudo, ainda veremos.

As crianças se agitavam e faziam barulho, esperando impacientemente a hora de ver a árvore de Natal. A experiência com a espingarda, realizada pelo menino que impunha respeito devido ao seu tamanho e à sua reputação de estragado, encontrou imitadores e alguns narizinhos redondinhos já haviam ficado vermelhos. As meninas riam, dobrando-se e apertando as duas mãos contra o peito quando seus cavalheiros, desprezando o medo e a dor, mas franzindo o rosto de ansiedade, recebiam os golpes com a rolha. Mas eis que as portas abriram-se e uma voz disse:

—Venham, crianças! Devagar, devagar!

Arregalando os olhinhos antecipadamente e prendendo a respiração, as crianças entraram solenemente, em pares, na sala fortemente iluminada, e em silêncio rodearam a árvore cintilante. Ela emitia uma luz forte, sem sombra, sobre seus rostos com olhinhos e lábios arredondados. Por um minuto

reinou um silêncio de profundo encantamento, imediatamente substituído pelo coro de exclamações de admiração. Uma das meninas, sem forças para dominar o êxtase que a envolvera, pulava no mesmo lugar em silêncio e obstinadamente; a pequena trancinha com uma fitinha azul batia-lhe nos ombros. Sachka estava sombrio e triste, algo de ruim se passava em seu pequeno coração cheio de feridas. A árvore de Natal o cegava com a sua beleza e com o brilho gritante e descarado das inúmeras velas, mas ela lhe era estranha, hostil, da mesma forma que as crianças bonitas e limpinhas que se aglomeravam ao redor dela, e ele queria empurrá-la para que ela caísse sobre essas cabecinhas claras. Era como se as mãos de ferro de alguém houvessem lhe tomado o coração e espremessem dele a última gota de sangue. Enfiando-se num canto atrás do piano de cauda, Sachka sentou-se, pôs-se inconscientemente a quebrar os últimos cigarros em seu bolso e a pensar que ele tinha um pai, uma mãe, a sua própria casa, mas era como se nada disso existisse e ele não tivesse para onde ir. Ele tentou imaginar o canivete que tinha conseguido por meio de uma troca e do qual gostava muito, mas o canivete se tornara imprestável com a lâmina gasta e seu cabo amarelo pela metade. Amanhã ele haveria de quebrar o canivete e aí não lhe restaria mais nada.

Mas de repente os olhos estreitos de Sachka brilharam de assombro e imediatamente seu rosto assumiu a expressão habitual de impertinência e autoconfiança. No lado da árvore voltado para ele, que estava menos iluminado do que os outros e constituía o seu avesso, ele viu o que faltava no quadro de sua vida e sem o que tudo era tão vazio, como se as próprias pessoas que o rodeavam não tivessem vida. Era um anjinho de cera, pendurado descuidadamente em meio aos galhos escuros, e que parecia pairar no ar. Suas asinhas de libélula transparentes tremulavam com a luz que se derramava sobre elas e ele todo parecia dotado de vida e pronto para sair voando. As mãozinhas rosadas com dedos graciosamente moldados estavam estendidas para o alto, e atrás delas esticava-se uma cabecinha com cabelos iguais aos de Kólia. Mas havia nela algo mais, que faltava no rosto de Kólia e em todos os outros rostos

ou coisas. A face do anjinho não brilhava de alegria nem se turvava de tristeza, mas tinha impresso nela um sentimento diferente, que não pode ser expresso por palavras nem definido pelo pensamento e capaz de ser compreendido apenas por um sentimento idêntico. Sachka não tinha consciência de que força misteriosa o atraía para o anjinho, mas sentia que sempre o havia conhecido e que sempre o amara, amava mais do que ao canivettino, mais do que ao pai e mais do que a qualquer outra coisa. Cheio de perplexidade, ansiedade e incompreensível encantamento, Sachka juntou as mãos sobre o peito e ficou sussurrando:

—Querido... querido anjinho!

E quanto mais atentamente ele olhava, mais significativa e importante se tornava a expressão do anjinho. Ele era infinitamente distante e não se assemelhava a nada que aqui o rodeava. Era como se os outros enfeites se orgulhassem do fato de estarem pendurados, elegantes e bonitos, nessa árvore cintilante, enquanto ele estava triste e com medo da luz intensa e impertinente, escondendo-se de propósito na folhagem escura para que ninguém o visse. Seria uma crueldade absurda tocar as suas asinhas delicadas.

—Querido... querido! —sussurrava Sachka.

A cabeça de Sachka queimava. Ele uniu as mãos às costas e se pôs a andar com passos cautelosos e furtivos, em total prontidão para enfrentar uma batalha mortal pelo anjinho; não olhava para o anjinho para não atrair a atenção dos outros para ele, mas sentia que ele ainda estava lá, que não saía voando. A anfitriã surgiu à porta —uma dama alta e imponente com uma auréola luminosa de cabelos grisalhos penteados no alto. As crianças a rodearam, expressando sua alegria, e a menina pequena, a que ficara pulando, dependurou-se cansada nos braços dela e ficou piscando pesadamente os olhinhos sonolentos. Sachka também se aproximou. Sentiu a garganta seca.

—Tia, olha, tia —ele disse, tentando falar com suavidade, mas soava ainda mais rude do que nunca. — Ti... titia.

Ela não ouviu e Sachka deu-lhe um puxão no vestido com impaciência.

—O que você quer? Por que está puxando o meu vestido? —surpreendeu-se a dama grisalha. —Isso não é educado.

—Ti... titia. Dá para mim uma coisa da árvore —o anjinho.

—Não pode ser —respondeu com indiferença. —Vamos desmontar a árvore de Natal no Ano Novo. E você já não é pequeno, pode muito bem me chamar pelo nome, Maria Dmítrievna.

Sachka sentia que estava caindo num abismo e agarrou-se ao último recurso.

—Estou arrependido. Eu vou estudar —dizia ele com voz entrecortada.

Mas essa fórmula, que exercia um efeito favorável sobre os professores, não impressionou a dama grisalha.

—E fará muito bem, meu caro —respondeu ela com a mesma indiferença.

Sachka disse rudemente:

—Dá o anjinho para mim.

—Mas isso não é possível! —falou a anfitriã. —Será que você não entende isso?

Mas Sachka não entendia, e quando a senhora se virou para sair, Sachka a seguiu, olhando apalermado para o seu vestido preto farfalhante. Em seu cérebro, que trabalhava febrilmente, relampejou a lembrança de um aluno de sua sala do ginásio que ficara pedindo ao professor para lhe dar nota 34 e, ao receber uma recusa, se pusera de joelhos diante do professor, com as mãos juntas, como que em prece, e começara a chorar. O professor, então, ficou bravo, mas acabou dando a nota 3. Na ocasião, Sachka eternizou o episódio com uma caricatura, mas agora não lhe restava outro recurso. Sachka deu um puxão no

4 No sistema educacional russo, a nota máxima equivale a 5, sendo 3 suficiente apenas para a aprovação. (N. da T.)

vestido da mulher e, quando ela se voltou, caiu de joelhos ruidosamente e juntou as mãos da maneira acima citada. Porém, não conseguiu chorar.

—Mas você enlouqueceu! —exclamou a dama grisalha e olhou em torno; por sorte, não havia ninguém no gabinete. —O que há com você?

De joelhos e com as mãos unidas em prece, Sachka olhou com ódio para ela e exigiu rudemente:

—Me dá o anjinho!

Os olhos de Sachka, que estavam cravados na dama grisalha e buscavam surpreender nos lábios dela a primeira palavra que iriam pronunciar, tinham uma expressão muito ruim, e a anfitriã apressou-se em responder:

—Pois bem, eu darei, eu darei. Ah, como você é bobo! É claro que lhe darei o que está pedindo, mas por que você não quer esperar até o Ano Novo? Mas, levante-se! E nunca mais —acrescentou a dama grisalha em tom instrutivo —fique de joelhos: isso é humilhante para uma pessoa. Só se pode ficar de joelhos diante de Deus.

“Vai falando” —pensava Sachka, enquanto tentava passar à frente da mulher, pisando-lhe no vestido.

Quando ela tirou o enfeite da árvore, Sachka cravou os olhos nele, enrugou dolorosamente o nariz e arreganhou os dedos. Parecia-lhe que a senhora alta iria quebrar o anjinho.

—Bonito objeto —disse a dama, que sentiu pena de dar o enfeite gracioso e, pelo visto, caro. —Quem foi que o pendurou aqui? Mas, escute, para que você quer este enfeite? Afinal, você já é tão grande, o que vai fazer com ele?.. Veja, há livros ali, com ilustrações. E esse enfeite prometi dar ao Kólia, ele pediu tanto —ela mentiu.

O sofrimento de Sachka tornou-se insuportável. Ele cerrou os dentes convulsivamente e pareceu até que os fez ranger. O que a dama grisalha mais temia eram as cenas, e por isso estendeu lentamente o anjinho para Sachka.

—Então pega, toma —disse ela insatisfeita. —Que insistente!

As duas mãos de Sachka, com que ele pegou o anjinho, pareciam tenazes e tensas como duas molas de aço, mas ao mesmo tempo tão macias e cuidadosas que o anjinho poderia imaginar-se voando no ar.

—A-ah! — do peito de Sachka escapou um suspiro prolongado que desvanecia, e em seus olhos brilharam duas pequenas lagrimzinhas e ali se detiveram, desacostumadas à luz. Aproximando lentamente o anjinho do peito, não tirava os olhos reluzentes da anfitriã e esboçava um sorriso manso e dócil, paralisado em meio a um sentimento de alegria que não era terrena. Parecia que, quando as delicadas asinhas do anjinho tocassem o peito encovado de Sachka, haveria de acontecer algo tão alegre, tão radiante, como jamais ocorrera sobre a triste, pecadora e sofrida Terra.

—A-ah! — ecoou o mesmo gemido desfalecido quando as asinhas do anjinho tocaram Sachka. E diante do brilho de seu rosto, era como se a própria árvore de Natal, enfeitada de forma despropositada e com um brilho descarado, tivesse se apagado —e a dama grisalha e altiva sorriu com alegria, o rosto seco do senhor careca estremeceu, e as crianças, que haviam sido tocadas pelo sopro da felicidade humana, ficaram paralisadas em um silêncio vivo. E neste curto instante todos perceberam a misteriosa semelhança entre o ginasião desengonçado, cujas roupas estavam pequenas para o seu tamanho, e o rostinho do anjinho espiritualizado pela mão de um artista desconhecido.

Mas no minuto seguinte o quadro se alterou bruscamente. Contraindo-se como uma pantera que se prepara para saltar, Sachka começou a perscrutar o entorno com um olhar sombrio, procurando quem se atreveria a tomar dele o anjinho.

—Eu vou para casa —disse Sachka com uma voz abafada, traçando mentalmente um caminho através da multidão. —Vou ver meu pai.

III

A mãe estava dormindo, exausta, devido a um dia inteiro de trabalho e à vodka consumida. No pequeno cômodo, atrás da divisória, o lampiãozinho da cozinha estava aceso sobre a mesa e sua luz fraca amarelada atravessava com dificuldade o vidro enegrecido pela fumaça, lançando sombras estranhas no rosto de Sachka e em seu pai.

—Não é bonito? — perguntou Sachka sussurrando.

Ele segurava o anjinho à distância e não permitia que o pai o tocasse.

—Sim, ele tem algo de especial — sussurrou o pai, examinando pensativamente o enfeite.

Seu rosto expressava a mesma alegria e atenção concentrada que o de Sachka.

—Veja — continuou o pai -, parece que vai sair voando agora mesmo.

—Já vi — respondeu Sachka triunfante. —Pensa que eu sou cego? E dá uma olhada nas asinhas. Ei, não mexe!

O pai afastou a mão e, com os olhos escuros, ficou analisando os detalhes do anjinho, enquanto Sachka sussurrava instrutivamente:

—Mas que costume ruim você tem de ir agarrando tudo com a mão. Afinal, você pode quebrá-lo!

Na parede estavam desenhadas as sombras disformes e imóveis de duas cabeças reclinadas: uma grande e desgrehada, outra pequena e redonda. Dentro da cabeça maior ocorria uma atividade estranha e torturante, mas ao mesmo tempo alegre. Sem piscar, os olhos miravam o anjinho, e sob esse olhar fixo ele se tornava maior e mais claro, e suas asinhas começavam a tremular com uma vibração silenciosa, enquanto tudo ao redor — a parede de toras coberta de fuligem, a mesa suja, Sachka — tudo isso se fundia numa massa cinza e uniforme, sem sombras, sem luz. E o homem aniquilado pareceu ouvir

uma voz compadecida, proveniente daquele mundo maravilhoso em que outrora vivera e do qual fora banido para sempre. Lá, eles não conhecem a sujeira e o praguejar desalentado, a luta maçante, cega e cruel entre egoísmos; lá não conhecem os tormentos de uma pessoa que é tirada da rua em meio a risos e espancada pelas mãos rudes dos guardas. Lá é limpo, alegre e cheio de luz, e tudo isso que é puro encontrou refúgio na alma dela, daquela que ele amou mais que a vida e a quem perdeu, conservando uma vida inútil. Ao cheiro da cera que emanava do enfeite se misturava um aroma intangível, e ao homem aniquilado pareceu ver os dedos dela, tão queridos, tocando o anjinho, dedos que ele gostaria de ficar beijando um a um, e por um tempo tão longo, até que a morte lhe cerrasse os lábios para sempre. É por isso que esse enfeite era tão belo, é por isso que havia nele algo de especial, que atraía para si e não podia ser transmitido por palavras. O anjinho havia descido do céu, onde se encontrava a alma dela, e introduzido um raio de luz no quarto úmido, impregnado de cheiro de fumaça, e na alma enegrecida do homem de quem tudo havia sido tirado: o amor, a felicidade e a vida.

E ao lado dos olhos do homem cujo tempo findava brilhavam os olhos de alguém que começava a viver e que acariciavam o anjinho. E para eles o presente e o futuro tinham desaparecido: o pai eternamente triste e desventurado, a mãe grosseira e insuportável e a negra escuridão de ofensas, crueldades, humilhações e angústia rancorosa. Os sonhos de Sachka eram amorfos e nebulosos, mas com isso agitavam mais profundamente a sua alma conturbada. O anjinho havia absorvido toda a bondade que cintila no mundo, todo o profundo pesar e a esperança da alma que anseia por Deus, e era por isso que ele resplandecia com aquela luz tão suave e divina, e era por isso que as suas asinhas transparentes de libélula tremulavam com uma vibração silenciosa.

Pai e filho não enxergavam um ao outro; seus corações feridos tinham um modo diferente de se alegrar, chorar e se afligir, mas havia algo no sentimento deles que fundia seus corações em um só e destruía o abismo sem fim que separa

uma pessoa de outra e a torna tão solitária, infeliz e fraca. Com um movimento involuntário, o pai pôs a mão no pescoço do filho, e a cabeça deste último da mesma forma involuntária aconchegou-se ao peito tísico.

—Foi ela quem te deu isso? —sussurrou o pai, sem tirar os olhos do anjinho.

Em outra ocasião Sachka teria respondido com uma negativa grosseira, mas agora a resposta ressoava em sua própria alma e seus lábios pronunciaram calmamente a mentira deliberada.

—E quem mais poderia ter sido? É claro que foi ela.

O pai permanecia em silêncio; Sachka também se calou. Algo rangeu no cômodo vizinho, estalou, se aquietou por um instante e, então, o relógio bateu enérgica e apressadamente: uma, duas, três horas.

—Sachka, você às vezes sonha? —perguntou o pai pensativamente.

—Não —confessou Sachka. —Se bem que uma vez eu sonhei: sonhei que caí do telhado. Tínhamos subido atrás dos pombos e eu desabei.

—Pois eu sonho sempre. São sonhos estranhos. Você vê tudo o que passou, ama e sofre como se fosse na vida real...

Ele tornou a se calar e Sachka sentiu que a mão que estava em seu pescoço começara a tremer. Tremia e se contorcia cada vez com mais força e o sensível silêncio da noite foi subitamente rompido por um som soluçante e lastimoso de choro contido. Sachka começou a mover as sobrancelhas gravemente e, tomando cuidado para não perturbar a pesada mão que tremia, limpou uma lagrimazinha do olho. Era tão estranho ver um homem grande e velho chorar.

—Ah, Sachka, Sachka! —soluçava o pai. —Para que tudo isso?

—Mas o que é isso? —Sachka sussurrou asperamente. —Está parecendo uma criança, uma criancinha.

—Não vou chorar mais... Não vou —desculpou-se o pai com um sorriso triste. De que adianta... para que chorar?

Feoktista Petrovna começou a se revirar na cama. Ela suspirou e balbuciou alto e com uma estranha persistência: “Segure Deriújka... segure, segure, segure”. Era preciso ir deitar-se para dormir, mas antes tinha de acomodar o anjinho para passar a noite. Era impossível deixá-lo no chão, então ele foi pendurado com uma cordinha no respiradouro do fogão e desenhava-se nitidamente sobre o fundo branco dos azulejos. Dessa maneira ele podia ser visto por ambos, tanto por Sachka como pelo pai. Empilhando apressadamente num canto todo tipo de trapos sobre os quais dormia, o pai despiu-se da mesma forma apressada e deitou-se de costas, com o propósito de se pôr a olhar para o anjinho o mais rápido possível.

—Por que você não está se despindo? —perguntou o pai se enrolando, friorento, no cobertor rasgado e ajeitando o sobretudo jogado sobre as pernas.

—Não tenho por quê. Logo vou levantar.

Sachka queria acrescentar que não desejava dormir de modo algum, mas não teve tempo de fazê-lo, pois adormeceu com tamanha rapidez, como se estivesse afundando em um rio veloz e profundo. Logo o pai também adormeceu. Uma paz dócil e a serenidade pousaram sobre o rosto cansado do homem cujo tempo findava e no rostinho corajoso daquele que apenas começava a viver.

E o anjinho, pendurado junto ao fogão quente, começou a derreter. O lampião, deixado aceso por insistência de Sachka, enchia o quarto com o cheiro de querosene e, através do vidro enegrecido pela fuligem, jogava uma triste luz sobre o quadro da lenta destruição. O anjinho parecia se mexer. Pelos peziños rosados escorriam gotas grossas que caíam sobre o leito. O intenso cheiro de cera derretida somou-se ao de querosene. E eis que o anjinho agitou as asinhas, como se fosse voar, e com um baque suave caiu sobre as lajes quentes. Uma barata

curiosa correu em torno da massa disforme, queimando as patinhas, subiu nas asinhas de libélula e, agitando as antenhas, correu adiante.

A luz azulada do dia que raiava irrompia através da janela coberta por um tecido, e no pátio o aguadeiro enregelado já começava a fazer barulho com o alcatruz de ferro.